

O que diz em português: «Consagração aos deuses Manes. A Lúcio Cadio Cela (falecido na idade) de 27 anos. Seus pais, L. Cádio Scaro e Valéria Rufina, mandaram fazer (êste monumento) a seu boníssimo filho».

Altura do monumento 0<sup>m</sup>,90; largura 1<sup>m</sup>,45; espessura 0<sup>m</sup>,28. Altura das letras 0<sup>m</sup>,065 a 0<sup>m</sup>,07.

Esta lápide funerária foi encontrada em Montemor-o-Velho.

\*

Tanto os cognomes *Cella* e *Scarus*, provenientes de palavras da língua comum («cela» ou «dispensa», e «sargo»), como o nome *Cadius* são raros. A respeito de *Cella* e *Cadius* vid. De Vit, *Onomasticon*, s. vv.; do segundo também fala Schulze, *Zur Geschichte lateinischer Eigennamen*, p. 76.

J. L. DE V.

### Medalha da Sociedade Económica de Ponte de Lima (séc. XVIII)

Comprei há tempos para o Museu Etnológico Português um folheto de 16 páginas, de 0<sup>m</sup>,31 × 0<sup>m</sup>,215 de dimensões, com o seguinte título na 1.<sup>a</sup> página, que serve de rosto: ESTATUTOS || DA || SOCIEDADE ECONOMICA || DOS || BONS COMPATRIOTAS, || AMIGOS DO BEM PUBLICO, || ESTABELECIDA NA VILLA DE PONTE DE LIMA, || DEBAIXO || DA REAL PROTECÇÃO || DE SUA MAGESTADE, || E INTERVENÇÃO DA JUNTA DA ADMINISTRAÇÃO || DAS FABRICAS DO REINO ||. Ao centro da página vê-se a figura de uma medalha, e em baixo lê-se: LISBOA || NA REGIA OFFICINA TYPOGRAPHICA. || ANNO M. DCC. LXXX. || *Com licença da Real Meza Censoria* ||.

A 2.<sup>a</sup> página está em branco. As 3.<sup>a</sup> e 4.<sup>a</sup> ocupa-as um Alvará passado pela Rainha D. Maria I. É só da 5.<sup>a</sup> em diante que vão os Estatutos propriamente ditos.

O que principalmente chamou no folheto a minha atenção foi a figura da medalha; e a torná-la conhecida se destina a presente notícia. Antes porém de falar dela, convém dar alguns esclarecimentos acerca da Sociedade.

Como se diz no Alvará, a Sociedade Económica foi erecta na «villa de Vianna do Minho», mas ficou estabelecida na de Ponte de Lima; os Estatutos, cap. x, mandavam que as suas juntas ou sessões se celebrassem nas casas do Paço do Concelho nas quintas-feiras de

tarde, de Outubro a Setembro. «Esta Sociedade terá por objecto  
 »promover a agricultura e todos os ramos que a respeito, as artes,  
 »e a industria. Os fins, que ella se propõe, são instruir os seus com-  
 »patriotas sôbre assumptos tão importantes ao bem público, excitar nos  
 »povos, principalmente da Provincia, o gosto e applicação a estas ar-  
 »tes preciosissimas. e estudar por meio de huma prática constante tudo  
 »quanto pode contribuir a fazellas florecer; e propor os meios que jul-  
 »gar mais próprios para as animar e prosperar». *Estatutos*, cap. I.



Fig. 1

Falta-me o tempo para averiguar quais foram as vicissitudes da Sociedade; isso deixo aos investigadores locais: por mim apenas posso acrescentar que Manuel Gomes de Lima Bezerra, no frontispício da sua obra *Os Estrangeiros no Lima*, 2 vols., Coimbra 1785-1791, se

declara com patriótico desvanecimento «Sócio honorário da Sociedade Económica de Ponte do Lima».

Passemos agora à medalha.

No cap. x, § 2.º, dos *Estatutos* há esta disposição a respeito da Sociedade: «Será o seu emblema huma medalha com tres columnas, »e a coroa de Portugal firmada em sima dellas, representando huma »a Agricultura, e as outras duas as Artes e a Industria, com so sym- »bolos correspondentes». A disposição é sucinta, mas com ela condiz de facto, até certo ponto, a medalha gravada no frontispício do folheto. Em verdade só se figurou uma face da medalha, ou porque esta era uniface, ou porque à outra face não se dera tanta importância (ela deveria porêr conter o nome da Sociedade).

O leitor, olhando para a gravura adjunta (fig 1), dispensar-me há de lhe fazer a descrição minuciosa da medalha. Bastará que eu note algumas particularidades.

Na medalha há duas partes principais: uma espécie de eirado ou terraço, e um rio; êste à esquerda do observador, e aquele à direita.

1.ª PARTE.—Em cada uma das colunas vê-es pendurado um escudete, que varia levemente de umas para as outras: num descobre-se uma haste alada, a modo de cadúceo, e encimada de um ôlho; no outro uma âncora; no outro um feixe de espigas e uma seitoira. Dos escudos estão suspensos respectivamente uma paleta, um busto, e um compasso & esquadro. Não há dúvida que o 3.º escudete simboliza a Agricultura; para irmos de acôrdo com a disposição dos *Estatutos*, transcrita acima, devia crer-se que a âncora simboliza a Indústria, e o cadúceo as Artes, por êle ser o distintivo de Mercúrio, que, se é deus do comércio, o é também da eloquência: no emtanto, além de que não se costumam simbolizar as Artes de tal modo, temo-las claramente simbolizadas na paleta (Pintura), no busto (Escultura), e no compasso & esquadro (Arquitectura),— pelo que eu supponho que à Indústria se referem os escudetes 1.º e 2.º, como simbólicos da Navegação (âncora) e do Comércio (cadúceo), que aqui se tem por manifestações da Indústria, tomada esta palavra em acepção lata. O ôlho que termina o cadúceo não será em rigor o da Providência, mas o da vigilância do comerciante, que deve estar sempre alerta para enganar e não ser enganado. Não peca a medalha por concisa, no que está em contraste com o referido no cap. x dos *Estatutos*: pois que pleonásticamente vemos outra vez simbolizado o Comércio, já em um personagem que está sentado a uma mesa, com um livro-de-razão aberto diante de

si, e um jôgo de mós e uma cegonha aos pés, já em Mercúrio, que dos ares olha para êle<sup>1</sup>.

<sup>1</sup> Como me lembra o meu amigo Dr. Artur Lamas, há bastante semelhança entre esta parte da nossa medalha e o baixo-relêvo do pedestal da estátua eqüestre do rei D. José: vid. Machado de Castro, *Descripção analytica da execução da estatua*, Lisboa 1810, est. XVIII, e pp. VII e VIII; sem dúvida, quem desenhou a medalha conheceu o desenho de Machado de Castro, que, embora publicado pela imprensa com data posterior à dos *Estatutos*, se divulgou antes. A p. 195 diz Machado de Castro: «imaginei a scena em hum perystilo ou varanda magestosa», o que concorda com o eirado da medalha. No baixo-relêvo da estátua figura a Architectura, que tem «na mão direita hum esquadro e hum compasso, que são os seus distinctivos», p. 197; na medalha não se personifica a Architectura, mas apparecem os distinctivos. O Comércio, diz Machado de Castro, p. 197, «se representa em hum varão, vestido ao antigo uso portuguez. . e junto a si tem huma cegonha e duas mós»: a paridade entre isto e o que temos na medalha é bastante grande, a não ser que o personagem na medalha está de casaca, seguindo a moda



Fig. 2



Fig. 3

do séc. XVIII, ao passo que Machado de Castro diz a p. 215 que a casaca é «uso ingrattissimo ás artes». Igualmente o ôlho que encima o cadúceo na medalha é comparável ao que, talvez como sinal de providência régia, resplandece no sceptro de D. José (vid. est. XX de Machado de Castro, *Descripção analytica*). Machado de Castro honradamente declara que para os attributos das suas figuras se valeu da *Iconologia* de Cesare Ripa: vid. esta última obra, p. 25 (Agricultura com as espigas), p. 117 (Comércio, com a cegonha e as mós), etc. Da *Iconologia* há um exemplar na nossa Biblioteca Nacional (Pádua 1630, três partes), o qual consultei. A propósito do ôlho que resplandece na extremidade do sceptro, lembrei que não só isso se encontra em estampas de época posterior, por exemplo numa que está na Biblioteca Nacional, secção dos mss., cod. 8866-8867, e representa D. Pedro III & D. Maria I (vid. fig. 2, extraída do referido códice), mas como símbolo tipográfico mais antigo, por exemplo, em Alberti Trotii Ferrariensis . . . *De vero et perfecto clerico*, Lugduni 1535, no frontispício (vid. fig. 3).

2.<sup>a</sup> PARTE.—O rio, que toma a outra parte do campo da medalha, e corre sulcado por dois barcos, e cortado de uma ponte fortificada, é manifestamente o Lima, de cuja ribeira cantou Diogo Bernardes num livro do mesmo nome:

..celebrada

Com outras de mais agoas sempre sejam,

—Sempre de brandas Ninfas habitada!

égl. 15; Lisboa 1820, p. 83.—Fico duvidoso se a outra torre, que está junto de uma das extremidades da ponte, pertence a esta ou não.

Do que expus infere-se que a primeira parte do campo da medalha se correlaciona com a Sociedade propriamente dita (as Artes, a Indústria e a Agricultura *firmant imperium et populi beatitudinem*, como se lê na fita), e a segunda com a vila em que ela fôra estabelecida.

Acessórios: à esquerda, para lá da ponte, descortina-se uma casa, comêço da povoação; à direita avultam as montanhas que cercam a vila; em baixo, no exergo, lê-se: *P(onte) Limae a(nno) 1780*, estando *Limae* por *Limiae*, que é o nome antigo.

Provavelmente esta complicada medalha nunca chegou a ser cunhada; pelo menos Lopes Fernandes, *Memoria das medalhas e condecorações portuguezas*, Lisboa 1891, não a menciona, nem sei que existam exemplares em alguma colecção.

### Carção

Carção é uma das mais importantes povoações do concelho do Vimioso.

As fábricas de cortumes, antigamente muito disseminadas em vários pontos do distrito de Bragança em que o elemento israelita predominava, estão hoje limitadas a Carção e Argozelo, dia a dia batidas na qualidade e quantidade dos seus produtos por não acompanharem os processos modernos de fabrico mais fácil e económico, se bem que a carência de vias de comunicação muito tem influído na decadência dessa indústria, outrora florescente, em Carção.

Há muito tempo que tivemos noticia da inscrição abaixo reproduzida, de que fomos adiando a publicação à espera de a examinar *in loco*; porém, como não nos tem sido possível, resolvemos arquivá-la desde já, deixando para melhor ocasião, ou para quem o possa fazer, os comentários respectivos.